

A PIEDADE POPULAR COMO ESPAÇO DE EVANGELIZAÇÃO: A MISSÃO PASTORAL DE UM SANTUÁRIO

POPULAR PIETY AS A SPACE FOR EVANGELIZATION: THE PASTORAL MISSION OF A SANCTUARY

*Rodrigo José Arnos Santos, CSSR**

Resumo: A Igreja nos últimos tempos tem reconhecido o valor e a importância da piedade popular, como lugar oportuno de evangelização. Por isso, cada vez mais se amplia a consciência eclesial de uma necessidade urgente de diálogo entre piedade popular e liturgia, sobretudo na construção de um projeto de pastoral, a ser vivido em um santuário. Santuário, que não nasce a partir de um decreto eclesiástico, mas em primeiro lugar da experiência de fé de um povo que elege um espaço, como lugar de peregrinação, motivados por uma devoção. Desse modo, a nossa intenção com esta reflexão é a de discutir a força da piedade popular, vivida em um santuário, como caminho de formação, para o surgimento de verdadeiros discípulos-missionários de Cristo.

Palavras chaves: Piedade Popular. Evangelização. Liturgia. Santuário. Peregrinação.

Abstract: The Church in recent times has recognized the value and importance of popular piety as an opportune place for evangelization. For this reason, the ecclesial awareness of an urgent need for dialogue between popular piety and liturgy is increasing, especially in the construction of a pastoral project, to be lived in sanctuary. Sanctuary, which is not born from an ecclesiastical decree, but in the first place from the experience of Faith of a people who elect a space, as a place of pilgrimage, motivated by devotion. In this way, our intention with this reflection is to discuss the strength of popular piety, lived in a sanctuary, as a way of formation, for the emergence of true missionary disciples of Christ.

Keywords: Popular piety. Evangelization. Liturgy. Sanctuary. Pilgrimage.

1. Introdução

Nos últimos tempos, vem se tornando comum em muitas dioceses, a prática de elevar uma igreja matriz paroquial ou oratório a categoria de santuário. Porém, muitos destes locais não se configuram como espaços de peregrinação. Aí se vive mais uma pastoral ordinária, de celebração dos sacramentos e outras atividades religiosas e não uma pastoral extraordinária, onde além da celebração dos sacramentos, encontramos também a valorização da celebração de alguns atos da piedade popular, que conduzem aqueles

* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUC-SP, mestre em Sagrada Liturgia pelo Pontifício Ateneu Santo Anselmo de Roma. Professor de Liturgia e de Teologia Sacramental no Instituto de Estudos Superiores de São Paulo – ITESP e no Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Instituto Pio XI. Membro do Grupo de Pesquisa Teologia Litúrgica da PUC-SP. E-mail: rja.santos@ittesp.com.br

que passam pelo santuário, a viverem em suas realidades paroquiais uma fé viva, dinâmica, consciente, plena e frutuosa.

Desse modo, o que intentamos com as linhas que seguem é ressaltar o valor da piedade popular, como um espaço salutar de evangelização. Evangelizar é a principal vocação da Igreja, que sendo corpo místico do Senhor é chamada a não só testemunhar com as palavras, mas sobretudo com gestos, a vida mesma daquele que lhe dá vida, o Cristo morto e ressuscitado.

Pensando a piedade popular, como espaço de evangelização, isto nos lança a um local, onde podemos constatar a força que tem as práticas de piedade, na formação de cristãos fervorosos e conscientes, que é o santuário. O Diretório de Piedade Popular e Liturgia (DPPL), da Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos, nos recorda no capítulo VIII, que o santuário é lugar da manifestação de Deus. É um espaço onde o Senhor se comunica com o seu povo de muitos modos. Seja pela vida do santo venerado e aqui incluímos a Virgem Maria ou por um título cristológico contemplado.

O Concílio Vaticano II com muita parcimônia se referiu a piedade popular. A primeira referência, encontramos na *Sacrosanctum Concilium* 13, onde se exorta toda a comunidade cristã a inspirar os seus gestos de piedade, na liturgia, que será apresentada pelos padres conciliares como *fons et culmen* de toda a vida cristã. Entretanto, neste mesmo número, a Igreja valoriza e motiva a promoção destes gestos de piedade, como um caminho salutar de evangelização. Em uma outra constituição conciliar *Lumen Gentium*, no número 67 ao fazer referência ao culto mariano, recorda-se que as práticas devocionais, não podem de modo algum conduzir as pessoas a uma fé estéril.

Hoje mais do que nunca devemos compreender, que as práticas de piedade popular, quando vividas de uma forma saudável em nossos santuários, elas se transformam em verdadeiras escolas de vida cristã. Pois, o culto prestado a Deus através de uma devoção particular, nos coloca dentro de um mistério, o qual nos convida a uma vida em sintonia com a vida daquele que é a cabeça do corpo místico da Igreja, o Cristo. “A piedade popular preservou a fé do povo cristão, colocando-se como narração de geração em geração da bondade de Deus pelo seu povo” (SCHINELLA, in: SODI, 2013, p. 70).

2. A piedade popular no continente da esperança

Ao estudarmos a força evangelizadora, que comporta os gestos de piedade popular, procuraremos nos ater ao contexto Latino Americano e Caribenho. Os gestos de piedade popular são os mais variados, no seio da Igreja Católica. Em todas as realidades eclesiais podemos encontra-los como força que congrega em torno de uma mesma fé, mesa e projetos comuns pessoas que desejam fazer acontecer a plenitude do Reino de Deus.

Aqui na América Latina convivemos com uma riqueza muito grande de devoções. Estas foram trazidas pelos colonizadores, que não só trouxeram em seus alforjes o desejo de desbravar o novo mundo, mas também a intenção de plantar nas novas colônias, a fé que viviam nas terras de onde partiram. Com os colonizadores chegou também o anúncio da fé cristã. Uma fé no início não tanto anunciada através da pregação do evangelho, mas por meio da ereção de espaços devocionais. Isto é, capelas e oratórios onde se recitava o terço e outras orações e quando possível se celebrava a eucaristia.

A história da evangelização da América Latina e Caribe, testemunha que nos primórdios da presença da Igreja neste continente, fomos evangelizados por meio da piedade popular. Foram as práticas devocionais, que nos primeiros tempos da presença da Igreja neste continente, que auxiliou na manutenção da fé dos colonizadores e serviu de chave para entrar na casa dos povos originários, das terras que formam este grande continente, denominado pelo Papa Bento XVI, em seu discurso de abertura na V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e Caribe, em Aparecida, como continente da esperança.

Em seu discurso aos participantes da V Conferência Geral de Aparecida, colocando em evidência, o valor da piedade popular neste continente, assim se expressou Bento XVI:

A sabedoria dos povos originários os levou felizmente a formar uma síntese entre suas culturas e a fé cristã que os missionários lhes ofereciam. Daí nasceu a rica e profunda religiosidade popular na qual aparece a alma dos povos latino-americanos (BENTO XVI, in: DOCUMENTO DE APARECIDA, 2007, p. 269).

Os gestos de piedade popular, denominados por Bento XVI, como religiosidade popular se expressam das mais diversas formas, no continente Latino Americano como: nas devoções ao Cristo sofredor, no amor a Eucaristia, nas devoções marianas e aos

santos. Em tudo isto contemplamos uma Igreja viva, discípula e missionária. Uma Igreja dinâmica, que busca viver a utopia do Reino de Deus, deixando se formar pela vida daqueles, que em contextos diferentes viveram a dimensão do testemunho cristão, e fundamentando suas vidas em Cristo, se deixaram conduzir pela força do mistério Pascal, que alimentou em todos a certeza da possibilidade de novos céus e novas terras.

No continente da esperança a riqueza de expressões da piedade popular, nos testemunham a força de uma Igreja discípula-missionária. Esta por meio de gestos, cânticos, danças e poesias profetiza a possibilidade de um novo mundo. O Documento de Aparecida (DA), em muitas partes faz referências a importância da piedade popular, que no documento aparece como religiosidade popular. Ao referir-se a importância da piedade popular, neste continente, que é marcado por uma rica manifestação de culturas, assim ele se expressa:

Em nossa cultura latino-americana e caribenha conhecemos o papel tão nobre orientador que a religiosidade popular desempenha, especialmente a devoção mariana, que contribuiu para nos tornar mais conscientes de nossa comum condição de filhos de Deus e de nossa comum dignidade perante seus olhos, não obstante as diferenças sociais, étnicas ou de qualquer outro tipo (DA 37).

A piedade popular em muitas partes do continente Latino Americano se configurou como um elemento de unidade entre os povos, sem desconsiderar o grande valor da pluralidade cultural, que de modo algum deve nos afastar, mas nos lançar na busca de relacionamentos fraternos, que já indicam a presença do Reino de Deus entre nós, que acontece por meio da ação do Espírito, que age na diversidade. Aliás, a diversidade cultural é uma das mais sublimes heranças que encontramos no bojo, das culturas que habitam este continente, banhado pelo sangue dos mártires e tocado pelos pés de muitos zelosos e audazes missionários. Inundado pela alegria dos povos autóctones e pela presença de pessoas, que encontram aqui um lugar para recomeçar.

Assiste-se na América Latina e no Caribe um grande esforço da Igreja em trabalhar por um incansável e sempre urgente processo da inculturação da liturgia, sobretudo à luz do Concílio Vaticano II (CHUPUNGCO, 1991, p. 13-20) e das Conferências Gerais do Episcopado deste continente. Inculturação tão importante, para que o evangelho seja acolhido e celebrado como força de transformação. Os processos vividos neste continente, em favor da inculturação litúrgica, tem levado em consideração

a necessidade de se estabelecer um profícuo diálogo entre liturgia e piedade popular (GUZMÁN, 2016, p. 192).

O Documento de Aparecida, que em muitas linhas resgata a força da piedade popular, como espaço de evangelização, ao falar do desafio da inculturação litúrgica na América Latina e Caribe, assim se expressa:

A renovação litúrgica acentuou a dimensão celebrativa e festiva da fé cristã centrada no mistério pascal de Cristo Salvador, em particular na Eucaristia. Crescem as manifestações da religiosidade popular, especialmente a piedade eucarística e a devoção mariana. Esforços têm sido realizados para inculturar a liturgia nos povos indígenas e afro-americanos (DA 99b).

A Igreja Latino Americana e Caribenha, já fez um longo caminho de busca de um salutar diálogo, entre liturgia e piedade popular. Todavia, este caminho ainda não se concluiu e cremos que sempre estará aberto a novas experiências de crescimento, pois como nos afirma Castellano: “a piedade popular, unida e vinculada à liturgia, é proclamação da fé, celebração dos mistérios, vivência profunda da vida em Cristo, oração e festa do povo de Deus” (2008, p. 390).

A partir disto é possível afirmarmos, que liturgia e piedade popular não se contrapõem, mas uma conduz a outra. Os gestos de piedade popular, quando vividos no mais profundo do seu sentido espiritual, existencial e antropológico nos ajudam a entender o que realmente a Igreja tem a nos comunicar, quando apresenta a liturgia como fonte e cume de toda a vida cristã. Isto porque:

a piedade popular tem a sorte de ser uma síntese perfeita da fé proclamada, de ser preparação e quase comentário ritual dos mistérios do culto cristão celebrados na liturgia, desde a proximidade da experiência de um povo (CASTELLANO, 2008, p. 400).

No continente da esperança a piedade popular continua sendo uma grande força de evangelização. Um grande meio, através do qual a Igreja consegue atingir a vida de todos os cristãos. Pois, “a piedade popular se reveste de uma especial importância como lugar de encontro com Cristo” (GUSMÁN, 2016, p. 83). Esta experiência é feita pelos povos latino americanos e foi testemunhada pelas cinco Conferências Gerais, realizadas pelos bispos da América Latina e Caribe.

3. A piedade popular como sistema imunitário da igreja

A piedade popular sempre se fez presente na vida da Igreja. Isto nos permite afirmar, que do nascimento da Igreja até os nossos dias, ela sempre se configurou como um valioso elemento de ajuda para a difusão e crescimento da espiritualidade cristã.

A piedade popular destaca a alma do povo, a participação sentida dos fiéis, a inculturação e a criatividade, em gestos, palavras, cantos; o desejo de uma vivência arraigada em tradições culturais e em manifestações de tipo local (CASTELLANO, 2008, p. 398).

No ano de 2018, o Papa Francisco reunido com os reitores e colaboradores de santuários dos cinco continentes, em Roma utilizando de uma frase de um bispo italiano afirmou, que a piedade popular “é o sistema imunitário da Igreja” (2018, p. 4). Com esta afirmação, Francisco colocou em evidência o importante papel da piedade popular nos processos de evangelização, sobretudo naqueles empreendidos pelos santuários. Ela não deve nos afastar das ações litúrgicas da Igreja, mas a sua função é nos preparar para bem participar da celebração dos sacramentos e sacramentais, os quais alimentam a nossa fé e nos ajudam a experimentar os mais diversos modos, de Deus se revelar aos seus filhos.

É característico da piedade popular a existência de ênfases e fragmentos do mistério de Cristo, da Virgem Maria e dos santos, momentos particulares para a sua celebração, lugares e tempos peculiares, tradições locais arraigadas, uma facilidade de compreensão para o povo simples, uma capacidade de inculturação. Provam-no seus múltiplos textos e gestos a variedade de formas espontâneas (CASTELLANO, 2008, p. 399).

A piedade popular não pode ser acolhida com suspeitas pela pastoral eclesial, mas ela deve ser vivida com toda a sua riqueza, claro passando pelo crivo das Sagradas Escrituras, da Tradição e do Magistério eclesial. Isto de modo algum significa abafar a sua força e espontaneidade. Pelo contrário é purificá-la em alguns momentos, de elementos que não vão de encontro com a *lex orandi* e *lex credendi* da Igreja, que deve gerar em todos uma *lex vivendi*.

Pensar a piedade popular como o sistema imunitário da Igreja, é reconhecer o seu papel fulcral nos processos de evangelização da comunidade eclesial. É valorizá-la no processo catequético litúrgico, como um elemento importante, para a promoção de uma vida litúrgica comunitária ativa, consciente, plena e frutuosa. Falando sobre a força dos gestos da piedade popular na vida da comunidade cristã, Castellano assim se expressa:

é como uma “liturgia popular” que, a seu modo, o povo adaptou ao seu sentir, sobretudo em tempos em que a liturgia oficial ficava sob o mistério da língua latina e dos ritos clericais, para muitos incompreensíveis (2008, p. 399).

Mais do que nunca, a Igreja em tempos hodiernos, precisa se esmerar na busca de um diálogo, cada vez mais profícuo, entre liturgia e piedade popular. Pois a piedade popular é também um espaço teológico propício, para a epifania de Deus.

É preciso orientar-se para uma ação em favor de uma integração mútua, de uma renovação e de um progresso, de uma constante capacidade de vivificar a liturgia e a piedade popular e da piedade popular uma verdadeira celebração, viva e bela, marcada pelos valores da liturgia, como culto espiritual do povo de Deus, em comunhão com a fé e a vida da Igreja, centrada no acolhimento da salvação que vem de Deus e no culto genuíno que se presta ao Pai por Cristo e no Espírito (CASTELLANO, 2008, p. 403).

A piedade popular em harmonia com a liturgia, torna possível processos de evangelização que de fato promovem a fé, em vista da geração de uma comunidade eclesial, que se exercita cada vez mais na sua capacidade de contemplar, sentir e auxiliar os que sofrem. Vivendo os valores da ética cristã, que desejam gerar uma Igreja discípula do Senhor e samaritana. Capaz de visitar as periferias existenciais. De promover espaços profícuos, para se crescer na fé e na opção pela pessoa de Jesus Cristo. No qual e a partir do qual somos convidados a alimentar a nossa vida de fé.

4. O santuário como espaço de vivência consciente e frutuosa da piedade popular

O santuário é sempre um lugar oportuno de evangelização, pois ele é expressão da morada de Deus entre os homens (DPPL 263). Nele se acolhem pessoas que participam ativamente de uma comunidade eclesial, bem como aquelas que passam pela Igreja somente em algumas ocasiões de suas vidas. Para o primeiro grupo à peregrinação ao santuário configura-se como um momento de revigoramento da fé e ao mesmo tempo momento de se render ação de graças, em vista de uma fé viva, atuante, profética e transformadora. Entretanto, para o segundo grupo além de significar um momento de revigoramento da fé e de ação de graças, pode também se transformar em um momento oportuno *de metánoia*, isto é, de uma conversão pessoal ou até mesmo familiar, para uma vivência mais profunda da fé, dentro de um contexto eclesial.

Tratando sobre a vivência da fé cristã em um santuário, assim se expressa o já falecido liturgista Alberto Beckhäuser:

A vida cristã vivida no santuário será antes de mais nada a de uma comunidade de oração, focalizada na característica própria do santuário. Esta oração conduz à conversão e terá sua expressão máxima na Eucaristia. Pode-se dizer que os sacramentos da Penitência e da Eucaristia entrarão numa pastoral de santuário, mas brotam, por assim dizer, da mensagem própria de cada santuário, manifestada na própria peregrinação, proclamação da Palavra de Deus. Será, pois, necessário dar uma atenção especial a esses elementos básicos (2007, p. 28).

Todos os elementos que constitui a pastoral de um santuário, colocam-se a serviço da formação-evangelização daqueles que por ele passam. Da acolhida até o momento da partida, o peregrino é sempre chamado a viver no santuário, a mesma experiência que viveu Pedro, Tiago e João no Tabor. Ali tiveram a oportunidade de contemplar Jesus transfigurado, que antecipou aos discípulos, que o acompanhava, o que seria a sua ressurreição. A montanha foi o lugar do encontro com o Senhor e seus discípulos, mas não o local para se habitar, muitos precisavam ainda conhecer o que era o Reino de Deus. Era preciso descer a montanha, voltar para planície, a fim de evangelizar. Diante disto, podemos afirmar: o santuário é sempre lugar de chegada e de partida. Por isso, nos debruçemos agora, sobre alguns elementos importantes para a pastoral de um santuário, levando em consideração de que somos atraídos a este local pela piedade popular, e uma vez estando ali, somos colocados diante do Mistério Pascal, para onde converge toda a nossa vida cristã.

Contemplando a importância do santuário, no processo de evangelização dos povos e de um modo particular no contexto Latino-Americano e Caribenho, Beozzo ao comentar a influência dos pobres romeiros que também evangelizam, assim se expressa sobre a contribuição destes aos bispos, que reunidos em Aparecida foram chamados a refletir sobre os processos de evangelização a serem indicados a Igreja da América Latina e Caribe:

Em Aparecida, os bispos tocaram com as mãos, e de modo bem visível e concreto, a experiência da fé e piedade dos pobres, batendo à porta do santuário e entrevendo ali uma presença materna e acolhedora, misericordiosa e esperançosa do Deus dos pequenos e humildes. Reconheceram, então, com humildade, no documento final, que aquele povo dos romeiros os tocara e evangelizara (BEOZZO, in: Amerindia, p.43).

Sendo assim, tratemos a seguir de alguns elementos importantes a serem levados em consideração na pastoral de um santuário. Este terreno fértil para uma busca constante de diálogo entre piedade popular e liturgia.

4.1. Um espaço de acolhida

As pessoas que vão a um santuário, partem de suas casas com o objetivo de encontrarem ali um local oportuno para oração pessoal e comunitária. Uma fonte na qual possam saciar a sua sede de experiência de Deus. Desse modo, a acolhida neste lugar se dá de muitas formas, por meio de uma equipe de pessoas que se dedicam a receber os peregrinos e acompanhá-los em suas necessidades, pelos diversos ministérios que se colocam a serviço das ações litúrgicas ali celebradas, bem como através da organização do espaço sagrado. Cada um destes elementos, ao seu modo evangelizam (BECKHÄUSER, 2007, p. 36).

Em tempos hodiernos, um dos elementos essenciais na vida de um santuário é a pastoral da acolhida. Por meio, de leigos bem preparados o santuário é apresentado ao peregrino que chega, sedento por fazer uma experiência de Deus e por ele deixar-se formar (BECKHÄUSER, 2007, p. 37). Um santuário traz consigo uma história que narra a origem de um local, que faz memória de pessoas e fatos. Para o peregrino, conhecer esta história é sentir-se parte dela. É tornar-se responsável por divulgá-la, como uma experiência de fé vivida no passado, mas que pode inspirar a vida de fé de muitos no presente.

Acolhido no santuário por uma equipe, o peregrino é chamado a participar das diversas ações litúrgicas que ali são realizadas. Todavia, para que estes momentos sejam experimentados, como tempo oportuno para se alimentar a vida cristã e a ela dar novo vigor, é preciso pensar na organização ministerial. As celebrações em um contexto de santuário, devem ser preparadas levando em consideração a diversidade das pessoas que delas participam. Por isso, faz-se crível pensar e preparar um grupo, que no exercício de determinados ministérios em uma celebração, ajude aos presentes a celebrar e a participar de um modo ativo, consciente e frutuosa, entendendo a celebração, como momento de atualização da história da salvação. Uma celebração harmoniosa, auxilia uma pessoa ou grupo a compreender a liturgia como fonte de espiritualidade, como um elemento que nos introduz mistagologicamente no coração do mistério, que é o Cristo (BOSELLI, 2012, p. 15).

Um outro elemento importante, no processo de acolhida de um peregrino é a própria organização do espaço sagrado. As paredes de um santuário, tem por escopo revelar o mistério que ali se celebra. O peregrino que chega em um santuário deve deparar-se com um espaço sagrado, que comunica o Senhor que ali habita. Por isso, cada traço, cada vitral, a variação de cores, a iconografia tudo deve estar ali para revelar o mistério Pascal. A fim de conduzir o peregrino a uma salutar compreensão, de que a beleza que ali nos acolhe e encanta é o próprio Deus, que por meio de seu Filho, tornou-se palpável e através do seu Espírito nos faz caminhar, como Igreja peregrina, rumo ao nosso fim último, à eternidade. O espaço sagrado, nos introduz no coração do mistério e nos faz tomar consciência, de que com a nossa vida devemos revelar o Belo, o Senhor da criação. O Documento de Aparecida, testifica que no santuário o peregrino tem a oportunidade de viver verdadeiros momentos *kairológicos*:

Aí, o peregrino vive a experiência de um mistério que o supera, não só da transcendência de Deus, mas também da Igreja, que transcende sua família e seu bairro. Nos santuários, muitos peregrinos tomam decisões que marcam suas vidas. As paredes dos santuários contêm muitas histórias de conversão, de perdão e de dons recebidos que milhões poderiam contar (DA 260).

O santuário de fato é um espaço que testemunha a presença de um Deus que acolhe os seus filhos. Ajudando-os a experimentar a presença de um Deus que é Emanuel. Através das suas mediações, ele se encontra com os peregrinos e por meio de seu Espírito, os conduz a importantes tomadas de decisões, no campo da fé-vida, sobretudo a de escolher o seu Filho, como a melhor parte de suas vidas.

4.2. Lugar de Anúncio da Palavra

Nos últimos tempos a Igreja tem ressaltado a importância da aproximação dos cristãos da Palavra de Deus. O desconhecimento desta Palavra, conduz a um desconhecimento do próprio projeto do Reino de Deus. Por isso, faz-se urgente conduzir o batizado a um conhecimento desta Palavra, que é sinal da comunicação de Deus com os seus filhos. Anunciar a Palavra, significa exercitar os cristãos para a sensibilidade à escuta do Senhor. “Escutar a Deus significa conhecê-lo, iniciar um processo, no qual a pessoa, acolhendo a Palavra dele, conhece o que ele quer que conheçamos dele” (BIANCHI, 2011, p. 41).

O santuário é um lugar oportuno de proclamação da Palavra. Ali o peregrino que participa das ações litúrgicas, é chamado a escutar o Senhor que deseja comunicar-se e forma-lo, por meio da sua mensagem. Recordemos aqui que é tarefa de todo o cristão, exercitar-se na prática de uma abertura à acolhida da Palavra do Senhor. “Para todo discípulo de Jesus, o primado está na escuta do Deus que chama, escolhe, fala e envia” (BIANCHI, 2011, p. 41). É da escuta atenta do Senhor, que nascem os verdadeiros missionários-discípulos de Jesus.

O peregrino, mesmo não tendo consciência plena da sua vocação discipular, ao dirigir-se ao santuário, motivado por um sincero gesto de piedade popular, coloca-se a escuta do Senhor. A escuta aqui deve ser entendida também, como a capacidade humana de colocar-se ao lado e deixar-se instruir pelo Senhor, através dos sinais dos tempos. Gregório Magno, um padre da Igreja, em uma de suas homilias, auxilia-nos a entender isto:

Muitas coisas na Sagrada Escritura, que a sós não consegui entender, eu as entendi colocando-me frente a frente com os meus irmãos (*coram fratribus meis positus intellexi*) [...] Percebi que a compreensão me foi concedida por meio deles... Graças a vocês, aprendo o que lhes ensino. De fato, com vocês eu escuto e lhes digo (MAGNO, in: BIANCHI, 2011, p. 44).

No santuário o peregrino é convidado a escutar e a acolher de um modo pessoal e comunitário a Palavra do Senhor. A Palavra anunciada ecoa como um convite a um compromisso cada vez mais concreto, com a busca pela consolidação do Reino de Deus (BECKHÄUSER, 2007, p. 61).

A Palavra anunciada ao peregrino nas ações litúrgicas, recorda ao humano, sedento de bens materiais, que o homem não vive apenas de pão, mas também de toda a palavra, que procede da boca do Senhor (Mt 4,4). Nela o peregrino é chamado a deixar-se modelar pelo Senhor, para que a sua vida mesma, seja testemunho de comunhão eclesial. Por isso, é possível afirmar: “o santuário é, por excelência, o lugar da Palavra, na qual o Espírito chama à fé e suscita a comunhão dos fiéis ((BECKHÄUSER, 2007, p. 60). O anúncio da Palavra, realizado em um santuário deve ecoar no coração dos fiéis que por aí passam, a fim de iluminar toda a existência humana, isto é, a nossa peregrinação, rumo à eternidade, fim último de todos os discípulos-missionários de Cristo.

4.3. Casa onde se partilha o pão eucarístico

A celebração da eucaristia é o ápice da peregrinação a um santuário. Podemos afirmar que esta celebração é o ponto de chegada e de partida daqueles que encontram no santuário uma fonte de água límpida, para alimentar a sua experiência pessoal e comunitária de Deus. Através da comunhão recebida, o que se faz peregrino, alimenta-se e participa da vida mesma de Cristo.

Sabemos que por meio do batismo, já participamos da vida mesma de Cristo, mas a eucaristia nos ajuda a experimentar a sua páscoa atualizada na páscoa de nossas vidas. Por isso, a celebração eucarística em uma peregrinação deve nos recordar fortemente que:

A missa é Páscoa, é ingresso no Reino! E o que está escrito? “Felizes os convidados para a ceia do Senhor”! Somos nós os convidados de Cristo! Então, canta-se como disse Cristo, dança-se como disse Cristo, come-se o que ele preparou, pois somos nós os seus convidados (RUPINIK, 2019, p. 104).

O peregrino que foi conduzido ao santuário, motivado por um ato de piedade popular, é chamado a encontrar na celebração eucarística, à fonte que o alimenta para uma vida alicerçada na pessoa de Jesus Cristo. Desse modo, dada a rotatividade das pessoas que passam por um santuário e visando a participação ativa, consciente e frutuosa de todos, àqueles que são encarregados da preparação das celebrações litúrgicas, devem atentar-se, para que levando em consideração os elementos próprios de uma ação litúrgica, façam deste momento, um ato mistagógico, isto é, de condução do peregrino mesmo, ao coração do mistério que é o Cristo.

A assembleia que se reúne em um santuário, deve acolher a celebração eucarística como uma grande fonte de espiritualidade (COLA, 2020, p. 155). Todos foram atraídos ao santuário, por um ato de devoção popular, todavia, tal devoção deve se revestir da mensagem que vem do evangelho e uma vez acolhida por todos, nos faz um único corpo, em Cristo.

Liturgia e piedade popular, num contexto de santuário se evangelizam mutuamente. R. González debruçado sobre esta temática afirma:

A liturgia, sendo o que é, evangeliza a piedade popular, e esta também evangeliza a liturgia. Paulo VI foi quem se referiu à pedagogia de evangelização (EM 48) como caminho de purificação e aperfeiçoamento da piedade do povo simples. Porém, com a mesma

verdade deve-se afirmar que a piedade popular anuncia a sua mensagem (evangeliza) à liturgia (2007, p. 68).

O peregrino que passa pelo santuário deve ser conduzido a compreensão de que: “nas diversas ações rituais, a Igreja anuncia o Evangelho e proclama o mistério pascal de Cristo, realizando sua obra de salvação através dos séculos” (GONZÁLEZ, 2007, p. 97). A eucaristia, bem como os outros sacramentos e sacramentais, a Palavra proclamada, os gestos, sinais e cânticos de uma ação litúrgica, são sustentados e iluminados pelo espírito pascal. Espírito que deve nortear a vida de todos os cristãos. A celebração da eucaristia será sempre o ápice de toda a peregrinação, espaço oportuno de envio para a missão testemunhal, daqueles que encontram no santuário uma fonte, para alimentar a fé e o senso de pertença a comunidade eclesial, povo de Deus a caminho do Pai.

4.4. Lugar de celebração da misericórdia

A peregrinação a um santuário reveste-se não apenas de um caráter de ação de graças, mas também de um momento profícuo para se experimentar a misericórdia de Deus.

Para muitos fiéis a visita ao santuário constitui uma ocasião propícia, frequentemente buscada, para aproximar-se ao sacramento da Penitência. É necessário, portanto, que se cuidem dos vários elementos que auxiliam para a celebração do sacramento (DPPL 267).

O Diretório sobre Piedade Popular e Liturgia elenca ao menos três importantes elementos, que devem ser preparados, a fim de promover uma celebração ativa, consciente e frutuosa do sacramento da penitência. Os elementos são os seguintes: o local, a preparação e a celebração mesma do sacramento.

Na edificação de um santuário, é preciso pensar o espaço sagrado, edificado para a celebração deste sacramento. O ambiente precisa da iconografia a incidência da luz expressar a alegria da reconciliação com Deus, conosco mesmo, com os outros e com o cosmo, a nossa casa comum. Da chegada até a partida, este local deve nos conduzir a uma experiência profunda de encontro com o Senhor, que é misericórdia e sempre nos convida a uma vida nova. “O sacramento da penitência serve para viver novamente a plenitude da comunhão eucarística com Cristo e com a Igreja” (GRILLO, 2017, p. 101).

Um outro importante elemento é a preparação para a celebração do sacramento da penitência. Este momento exerce um importante papel catequético na vida do peregrino,

que é chamado a tomar consciência da importância da escuta da Palavra de Deus, que ilumina toda a ação ritual. A Igreja não deseja dar um sacramento ao peregrino, mas celebrar com ele um rito, que o introduz no coração mesmo do mistério de Cristo, celebrado e atualizado, pela ação litúrgica. A celebração deste sacramento, deve ser acolhida na vida do peregrino penitente, como um momento mistagógico (BOSELLI, 2012, p. 29). Aquele que participa com todo o seu ser da celebração deste sacramento, deixa-se moldar pelo Senhor e busca viver uma vida a serviço da reconciliação, que gera a fraternidade desejada e ensinada pelo Senhor, por meio do anúncio da Palavra, pelos ritos e preces da Igreja, comunidade eclesial, chamada a ser sal e luz no mundo, fermento de vida nova.

Ainda se faz mister, recordarmos um terceiro elemento que é a celebração mesma do sacramento. Aqui um princípio fundamental é a acolhida por parte daquele que vai presidir a celebração do sacramento. A pessoa precisa sentir-se amparada pelo Senhor, que deseja conduzi-la, por meio do seu Espírito a uma experiência que a faça viver como pessoa reconciliada, capaz de dar testemunho da ação misericordiosa de Deus em sua vida pessoal, comunitária, social e religiosa. A celebração deve conduzir a pessoa a compreensão de que este sacramento é:

um lugar de maturação, de crescimento, de educação cristã e de conversão onde o ministro, além de pedagogo e terapeuta, é, por cima de tudo, pneumático-mistagogo, e onde o penitente responde à Palavra de Deus *in Ecclesia* (MAQUEDA, 2012, p. 198).

De tudo que até agora apresentamos, podemos afirmar que o sacramento da penitência celebrado pelo peregrino deve ajudá-lo a sentir-se Igreja, comunidade dos convocados pelo Senhor, para dar no mundo testemunho da possibilidade de novos tempos, onde a vida é sempre colocada em primeiro lugar. A fim de que ela seja sempre vivida em abundância, nesta longa peregrinação, que devemos fazer até o encontro definitivo com o Pai.

4.5. Uma casa que nos convida a fraternidade

Alimentados pela Palavra do Senhor, pelo seu corpo eucarístico e reconciliados no seu amor ao retornarmos de nossa peregrinação, a um santuário, somos exortados a prática da fraternidade. O desejo do Pai é que sejamos um só corpo, em seu Filho e

motivados pelo seu Espírito, sejamos engendrados de uma vida cristã, que no mundo é sinal profético de novos tempos.

Daqui podemos intuir que a piedade popular, quando vivida com maturidade, isto é, iluminada pela Palavra de Deus, ajuda-nos a viver na liturgia a plenitude de um encontro com o Senhor. Desse modo, na vida pastoral da Igreja piedade popular e liturgia não podem se opor, mas uma completa a outra e em ambas temos a oportunidade de experimentar a ação de um Deus, que sempre se faz presente entre nós.

Uma boa dose de liturgia viva e entusiasta, com uma boa integração de piedade genuína, pode ser uma boa oferta pastoral para nosso tempo, tão desejoso de experiência de Deus, quanto desconfiado do que lhe é oferecido (CASTELLANO, 2007, p. 412).

Pelo que podemos constatar, a piedade popular e a liturgia são dois espaços teológicos profícuos, que a partir da pastoral de um santuário nos ajudam a viver uma constante busca de fraternidade. Pois aqueles que experimentam, verdadeiramente o amor de Deus em suas vidas, não conseguem ser indiferentes aos sofrimentos dos seus irmãos.

Em nossa experiência de peregrinos, acolhidos por Deus em um santuário, somos também por ele enviados em missão. Este envio nos recorda uma grande verdade.

A espiritualidade cristã não pode ignorar sua dimensão social de testemunho e compromisso, com ênfases especiais que este conceito pode ter segundo as circunstâncias sociais e políticas especiais de cada ambiente. Falar-se á, então, de imersão no mundo, de testemunho cristão, de exigências de justiça social, de compromisso de libertação [...] (CASTELLANO, 2007, p. 415).

Seja qual for o contexto que fazemos a experiência de peregrinar a um santuário, em todos eles, somos convidados a tomarmos decisões, que nos impulsionam a viver uma vida cristã mais autêntica, que testemunha ao mundo a nossa alegria, em seguir o Cristo. Enfim, uma peregrinação sempre nos recorda a nossa vocação a uma vida profética, que nos faz caminhar de esperança em esperança. Alimentando e vivendo a fraternidade ensinada pelo próprio Cristo, a cada um dos seus discípulos.

5. Considerações Finais

Como constatamos na construção desta reflexão, a piedade popular pode exercer um papel fundamental nos processos de evangelização engendrados pela Igreja. De um

modo particular na realidade pastoral de um santuário, que acolhe peregrinos de inúmeros lugares, mas que estando ali são chamados a se deixarem formar pelo Cristo, através da experiência de encontro com o Senhor, que ali se manifesta.

Para mostrarmos o valor e a riqueza da piedade popular na formação do povo de Deus, foi necessário apresentar, como ela aqui na América Latina e Caribe ajudou a implantar a fé cristã e mantê-la viva, nas diversas regiões que formam este grande continente da esperança. As cinco Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano e Caribenho, sempre fizeram referências a importância da piedade popular, nos seus documentos finais, para os processos de evangelização, empreendidos pela Igreja, nesta terra de missão. Todavia, a de Aparecida, foi aquela que a recuperou como espaço profícuo de evangelização, ressaltando assim, a sua contribuição fulcral para a formação de verdadeiros discípulos-missionários de Cristo.

Tendo ressaltado o valor da piedade popular para toda a comunidade eclesial latino-americana, pudemos observar a importância da sua unidade com a liturgia. Aqui pudemos constatar que elas não se excluem, mas se completam, sobretudo na contribuição que cada uma oferece ao peregrino que visita um santuário, e ao partir dele é chamado a viver uma vida eclesial, sentindo-se membro de uma Igreja, que é por natureza missionária.

Uma piedade popular bem vivida, em profundo diálogo com a liturgia nos orienta a viver a experiência de uma Igreja em saída. Esta não espera pelos seus filhos, mas vai ao encontro deles, com a missão e valiosa tarefa de curar as suas feridas.

Encerramos esta nossa contribuição com as palavras de São Paulo VI, na *Evangelii Nuntiandi* 48, quando aborda o tema da piedade popular e seu valor para a comunidade eclesial: “ela traduz em si uma certa sede de Deus, que somente os pobres e os simples podem experimentar” Somente aqueles que se esvaziam e se deixam guiar por Deus, é que se tornam capazes de comunica-lo em espírito e verdade, ao mundo em que vivemos, com novas linguagens, gestos e conteúdos.

Referências

- BECKHÄUSER, A. *Religiosidade e Piedade Popular, Santuários e Romarias*. Desafios Litúrgicos e Pastorais. Petrópolis: ASLI - Vozes, 2007.
- BEOZZO, J.O. Aparecida à luz das conferências do Rio, Medellín, Puebla e Santo Domingo. In: AMERINDIA (org.). *V Conferência de Aparecida. Renascer de uma esperança*. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 34-48.

- BIANCHI, E. *Presbíteros: Palavra e Liturgia*. Trad: José Dias Goulart. São Paulo: Paulus, 2011.
- BOSELLI, G. *Il senso spirituale della liturgia*. Magnano: Qiqajon, 2012.
- CASTELLANO, J. *Liturgia e vida espiritual*. Teologia, celebração, experiência. Trad: Antônio Efro Feltrin. São Paulo: Paulinas, 2008.
- CHUPUNGO, A. J. *Liturgia del Futuro*. Genova: Marietti, 1991.
- COLA, G. C. *O sacramento-assembleia*. Teologia mistagógica da comunidade celebrante. Petrópolis: PUC-Rio - Vozes, 2020.
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO AMERICANA. *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Edições CNBB – Paulus - Paulinas, 2007.
- CONGREGAZIONE PER IL CULTO DIVINO E LA DISCIPLINA DEI SACRAMENTI. *Direttorio su pietà popolare e liturgia*. Principi e orientamenti. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2002.
- DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. São Paulo: Paulus, 2007.
- DOCUMENTOS DE PAULO VI. São Paulo: Paulus, 1997.
- FRANCISCO, Discurso aos participantes no simpósio internacional para os reitores e colaboradores de Santuário. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/november/documents/papa-francesco_20181129_convegno-santuari.html. Acesso em: 24 Mar. 2021, 18:15h.
- GONZÁLEZ, R. *Piedade Popular e Liturgia*. Trad: Francisco G. F. de Moraes. Petrópolis: Edições Loyola, 2007.
- GRILLO, A. *Ritos que educam*. Os sete sacramentos. Trad: Armando Bucciol. Brasília: Edições CNBB, 2017.
- GUZMÁN, G. *‘Lo popular’ como um lugar teológico de encuentro entre la liturgia y la piedad*. Roma: CLV-Edizioni Liturgiche, 2016.
- MAQUEDA, A. L. *La Pneumatología Litúrgica*. En la obra de Don Achille Maria Triacca. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 2012.
- RUPINIK, M. I. *A arte expressão da vida litúrgica*: Conferências do 11º ENAAS. Brasília: Edições CNBB, 2019.
- SCHINELLA, I. Fondazione e lettura teologica della pietà popolare, In: SODI, M. (org.). *Liturgia e pietà popolare*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2013. p. 67-89.

Recebido em: 28/04/2021

Aprovado em: 30/09/2021